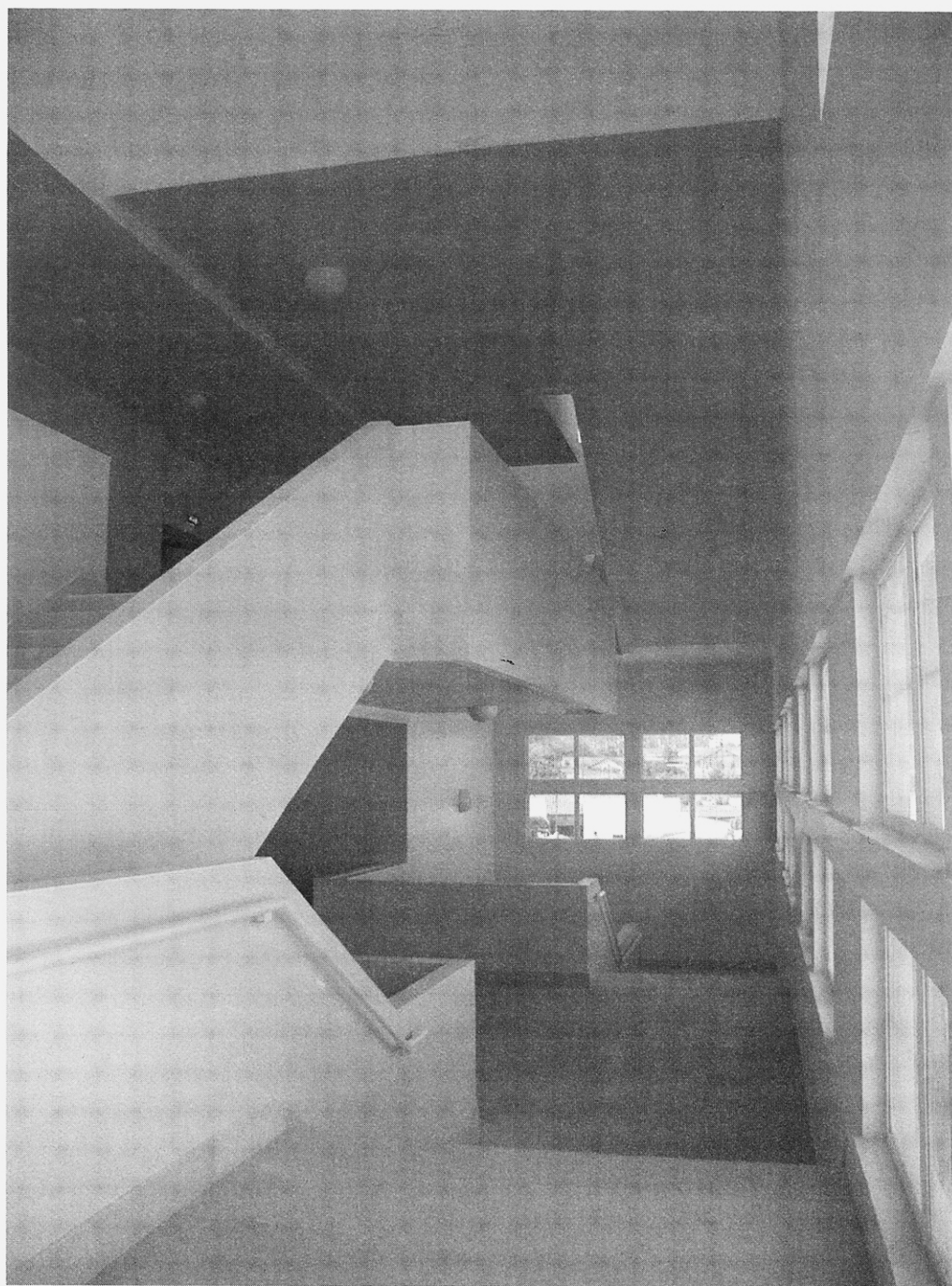


26. À VOLTA DO PÁTIO CALMO



Chegou o metro, mas também o resto da cidade viária, rasgando com trânsito intenso diário o inicial *campus* tímido e recolhido, transformado agora numa espécie de empecilho à via rápida *total* por que a motorização parece ansiar.

A norte da Torre do Tombo e de um sobrevivente horto, uma série de edifícios burocráticos e compridos, com um vago ar provisório ou de visão de arquitecto nórdico para o terceiro mundo (as galerias de circulação, muito tropicais, e as escadas ao ar livre), acercam-se do Campo Grande. Fazem parte da Faculdade de Ciências, que terá optado por uma lenta ocupação mais ou menos pavilhonar daqueles terrenos, acabando por desistir, definitivamente, da sua localização histórica e urbana, na Rua da Escola Politécnica, que nomeara há mais de um século.

Entretanto, em recentes extensões, Ciências tem vindo a optar por concursos públicos de arquitectura, nos quais os candidatos ensaiam ligar, através dos programas e necessidades listadas, o desconchavado tecido em presença. É o caso deste C6, desenhado pelo arquitecto José Neves (JN) com o arquitecto Francisco Freire (nas fases de concurso e projecto).

A localização dada, propunha, atrás, o remate da zona reservada à Faculdade de Ciências, com o edificado simultaneamente a eixo da pequena rua que se para a Torre do Tombo das instalações de Letras.

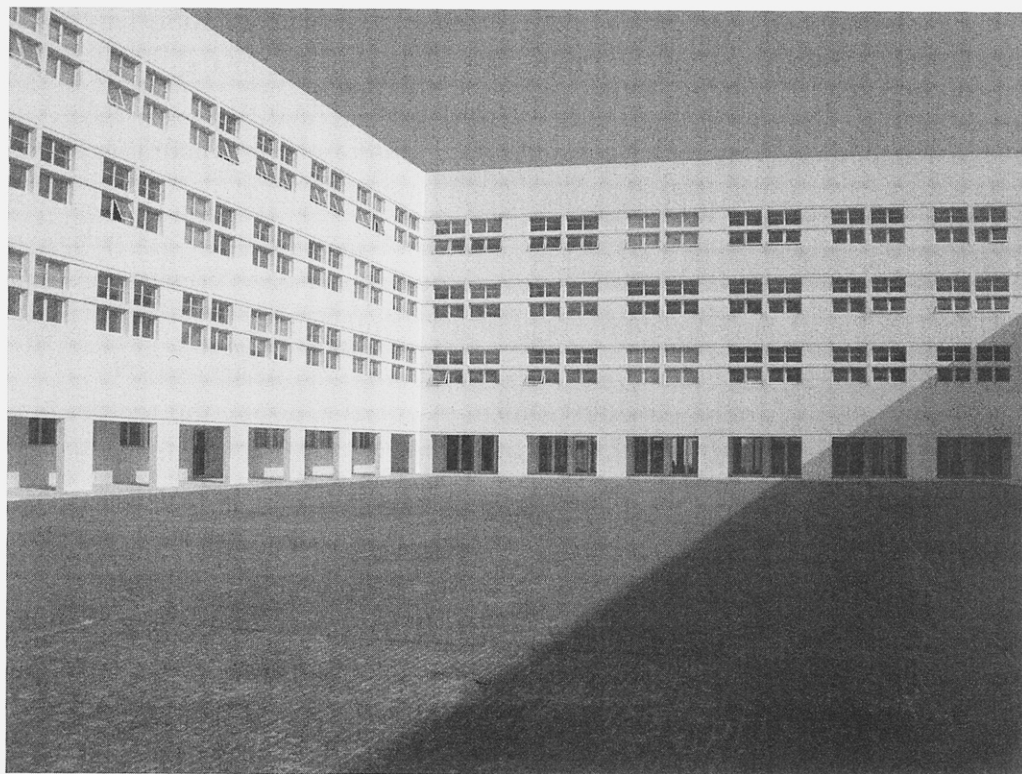
O programa requeria, ainda, estacionamento abundante (sinais dos tempos), em subsolo.

Os arquitectos optaram por uma extensa periferia construída, delimitando um enorme vazio central (68,4 × 34,2 m), invólucro áureo a que somaram, depois, um pátio mais pequeno, aberto a poente, que umas árvores grandes, agora plantadas, hão-de fechar.

Ultrapassando os legalismos que acompanham sempre estes programas no que respeita a áreas de circulação coberta (considerada inútil a partir de um qualquer mínimo estabelecido pelo Ministério), os arquitectos criaram, a nível térreo, uma série de passagens recolhidas, arcadas, galerias e atravessamentos que tornam o edifício extremamente permeável, público, complexo e confortável.

Visitei-o numa manhã de Agosto (dessas ainda frescas que anunciam promessas para quem se dispõe a Lisboa no Verão).

Queria ficar, ali fora, à beira do bar ainda mudo, na sombra, por entre os pórticos, sentado numa cadeira de esplanada, a olhar aquele pátio tão grande e vazio, metafísico, recortado pela luz que recua e marca a matéria vibrante que são as rigorosas fitas, desenhadas para conter, segurar e disciplinar a totalidade das janelas.



As janelas são, aliás, um dos pontos mais obsessivamente controlados do projecto. Quem olhar distraído, poderá dizer que são todas iguais, que o resultado talvez seja monótono, chato, repetitivo. Mas estará certamente *muito* distraído. Depois da opção pátio e de delineada a volumetria principal, as janelas são o tema eleito.

Repetem-se, por fora, amparadas por uma espécie de guias moldadas no betão, balizadas pelas alturas interiores e sistematizadas pela modulação de 5,70 metros que estrutura todo o conjunto. Mas, discretamente, iludem-nos: perdem a faixa reservada à bandeira nos paramentos do pátio secundário ou a continuidade rectangular moderna que exibem no pátio grande, ganhando autonomia quando, finalmente, envolvem a construção pelos lados da rua.

Por dentro, magicamente, os acertos encadeiam-se e as janelas «iguais» variam os diferentes espaços que o programa estabelece (laboratórios, salas grandes ou pequenas, gabinetes), introduzindo constantemente imprevistos no cruzamento da regra com a elasticidade modular; ou acercam-se das escadas, que também lhes estendem com naturalidade os patins assimétricos para beneficiarem da luz de um rasgo que passa perto.

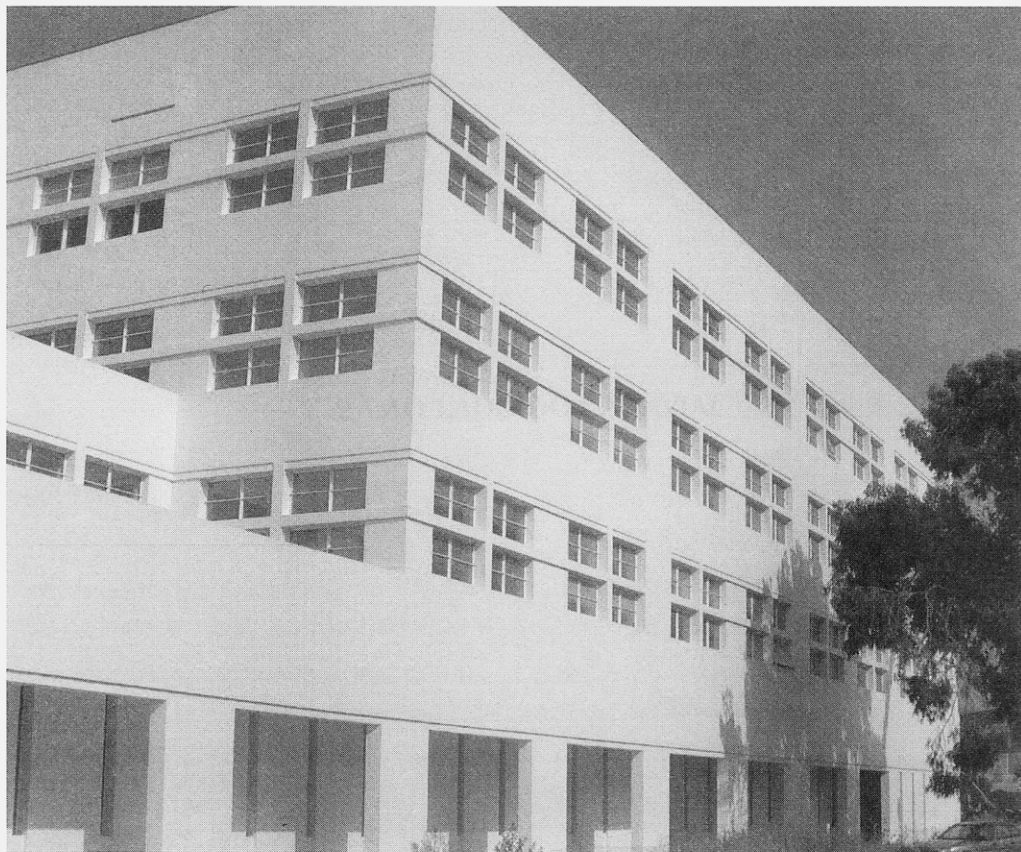
O conjunto, pormenorizadamente moldado em betão, foi depois barrado e pintado na totalidade por um indescritível e *wittgensteiniano* amarelo-branco (JN contou aqui com a colaboração da artista plástica Maria Capelo).

A cor estende-se também ao interior, confundindo-se com a pedra molianos que forra as circulações e perseguindo de tal modo uma hipótese monocromática que não pode senão dar-nos um enorme prazer pela intensidade e pela quase exasperante coerência que irradia (para a qual é necessário contar com uma rigorosa execução, aposta cada vez mais difícil de ultrapassar, mas, aqui, contudo, plenamente ganha).

Há em tudo um ar chão, mediterrânico, essencial e, ao mesmo tempo, modernista, a que não será estranho a passagem de JN pelo atelier do arquitecto Vítor Figueiredo, seu grande amigo e com quem colaborou no projecto da Mitra, em Évora.

O magnífico edifício do C6 espera apenas a conclusão dos arranjos exteriores (que, à frente, lhe irá compor uma pequena álea de peões em saibro, ladeada por castanheiros e pereiras) para receber os estudantes e professores para quem foi construído.

Tempos mais felizes, então, para quem o inaugurar, à volta do pátio calmo.



C6, Departamentos de Geologia, Matemática, Informática e Estatística da Faculdade de Ciências

Arqt.^o José Neves

[com Francisco Freire, arqt.^o]

1993/2003

Cidade Universitária, Lisboa

Fotografias: Jaime Barbosa (p. 218); MGD

Publicado no *Expresso* de 13/9/2003